

projeto



NCz\$ 20,00

124

Revista
brasileira de
arquitetura,
planejamento,
desenho
industrial,
construção

ISSN 0101-1766

Especial

No bicentenário
da Revolução
Francesa, a força
da arquitetura

Ensaio & Pesquisa
debate o
neoclassicismo e
o pós-modernismo

As novidades
da IX Fehab estão
no Suplemento
Técnico

O diálogo de
Glusberg
com Álvaro Siza

Um pioneiro do restauro na América Latina

Texto
Paulo Ormino de Azevedo

No final da década de 50, enquanto a maioria dos arquitetos latino-americanos, ofuscados pela febre modernista que servia de suporte à expansão do capital imobiliário, menosprezava, quando não destruía, o patrimônio arquitetônico e urbanístico de nossas cidades, Victor Pimentel, recém-formado pela Escola Nacional de Engenharia de Lima, seguia a rota inversa. Partia para a Itália em busca de armas para lutar contra a destruição de uma cultura arquitetônica e urbanística milenar, enriquecida pela experiência do barroco mestizo e com profundas raízes populares no passado.

A Itália, mais que qualquer outro país europeu, oferecia um exemplo de evolução cultural não destrutiva e, em consequência, uma experiência concreta de preservação e restauração do patrimônio edificado. Naquele país, além de fazer sua pós-graduação em restauração de monumentos e sítios na Universidade de Roma, Pimentel juntou-se a círculos profissionais e intelectuais, e o que seria uma permanência de um par de anos quase se transformou em uma migração definitiva, pois ali constituiu família e se integrou perfeitamente.

Ainda nas primeiras semanas de domicílio romano, Pimentel, que é também excelente desenhista e pintor, deixou alguns trabalhos seus em uma galeria para que os vendesse e reforçasse sua bolsa de estudos. Mas, por acaso, um dos mais prestigiosos críticos de arte europeus em visita à galeria descobriu em um canto seus quadros tão impregnados de formas e cores americanas, que não só recomendou uma exposição individual, como fez questão de promover sua apresentação. Tornou-se assim amigo de nada menos que Giulio Carlo Argan; e isso provocaria ciúmes de artistas locais seus amigos, que jamais entenderiam como um desconhecido podia merecer os êncômos de um "papa" como Argan, quando eles esperavam toda uma vida, em vão muitas vezes, para receber tal atenção.

Foram amigos, como Argan, e ex-professores que insistiram para que ele participasse do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos Históricos, convocado pelos italianos com o apoio da Unesco, e que resultou na famosa Carta de Veneza e na criação do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos) e do Centro Internacional de Estudos da Conservação e da Restaura-



Museu Nacional de Antropologia. Arquitetos Pedro Ramirez Vasquez, Jorge Campuzano Fernández e Rafael Mijares, 1963.



Biblioteca Central da Universidade Nacional Autónoma do México. Arquitetos Juan O'Gorman, Gustavo M. Saavedra e Juan Martínez de Velasco, 1950.

ção dos Bens Culturais (Iccrom), por cujos cursos passaram inúmeros brasileiros.

O evento, realizado 33 anos após a primeira iniciativa desse gênero, isto é, a Conferência Internacional de Atenas, constituiu um marco definitivo na luta para institucionalizar a conservação do patrimônio cultural, no estabelecimento da cooperação internacional no setor, na uniformização dos critérios de intervenção nos monumentos e sítios e na formação de pessoal altamente especializado.

Victor Pimentel, que participou do congresso como representante oficial de seu país, defendeu tão veementemente o ponto de vista dos países de passado colonial, que o convocaram a integrar o comitê de redação do documento final, cujo roteiro original foi proposto pelos arquitetos Piero Gazzola e Roberto Pane. Ele e o mexicano Carlos Flo-

res Marini, únicos latino-americanos componentes do comitê de redação, insistiram na necessidade de reconhecer a importância de obras não monumentais, construídas em materiais frágeis, como o adobe, a taipa e a madeira, tão comuns entre nós, e a legitimidade do emprego de técnicas tradicionais, ainda em pleno uso em nosso continente, na restauração desses edifícios. Consciente de que sua trincheira era a América Latina, despediu-se de amigos e parentes e voltou ao Peru, onde se integrou à ENI, primeiro núcleo universitário latino-americano, e realizou obras de restauração que impuseram um novo padrão de intervenção nos monumentos, como as da casa do inca Garcilaso de la Vega, em Cusco, o grande cronista peruano do século XVI.* Participou também do plano Copesco, um projeto de desenvolvimento regional com base no turismo cultural, efetuado pelo

Peru em cooperação com a Unesco, que contemplava a instalação de infraestrutura viária e turística, revitalização de centros históricos, restauração de monumentos e abertura de sítios arqueológicos à visitação pública, em extensa faixa que se prolongava de Machu-Picchu a Juli, na margem do Titicaca. Nesse plano, Pimentel foi responsável pela elaboração de projetos de revitalização de numerosos povoados e cidades no vale do Urubamba. Infelizmente, a grave crise econômica e social do país e a própria ilusão dos anos 70 de desenvolver uma região prioritariamente em função de turismo cultural não conduziram aos resultados esperados.

A instabilidade política do Peru tem obrigado Pimentel a se alternar em altos cargos, como a direção do Instituto Nacional de Cultura, um quase ministério, durante o último mandato presidencial de seu amigo, arquiteto Fernando Belaunde Terry, e a cátedra na Escola Nacional de Engenharia de Lima, que não lhe podem tirar. Pimentel tem compensado esses períodos de ostracismo interno realizando missões técnicas e dando cursos em outros países latino-americanos, através do Programa Regional de Patrimônio Cultural e Desenvolvimento, da Unesco, e PNUD. Foi por este programa que travamos uma sólida amizade, ao participarmos juntos dos cinco cursos de especialização em restauração de monumentos e sítios realizados em Cusco, de 1975 a 1980.

Pimentel é um entusiasta do Brasil, onde esteve em três oportunidades, realizando missões técnicas e transmitindo sua experiência nos cursos de especialização em conservação e restauração de monumentos e conjuntos históricos (Cecres), realizados pela Universidade Federal da Bahia em convênio com a SPHAN e Unesco.

Esse é Victor Pimentel, um pioneiro na luta por uma restauração criteriosamente científica e não apenas promocional, um arquiteto de fina sensibilidade e humor, amigo atento de seus colegas e alunos. É por tudo isso e muito mais que recebe a presente homenagem, nos 25 anos da Carta de Veneza, da qual é um dos criadores.

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto formado pela Universidade Federal da Bahia, doutor em restauração de monumentos e sítios pela Universidade de Roma, professor de mestrado e urbanismo da UFBA, coordenador de inventários do acervo cultural da Bahia e consultor da Unesco.

* Em 1966 chefiou a primeira expedição científica ao sítio arqueológico de Gran-Picacho, no Departamento de San Martín, na Amazônia peruana.